

Sem escala

Opening:
22 September, 10 pm

23 September –
29 October 2016

Tuesday to Saturday
2 – 7 pm

Não é somente de escala a diferença entre o espanto e a surpresa. O espanto é, talvez, a confirmação do incomensurável, aquilo que está, que estará sempre (fisicamente, em escala) para além de nós – são as pirâmides do Antigo Egipto. A surpresa é de outra índole, chega sorrateira, inesperadamente, ressoa de forma mais íntima – são os túmulos da Etrúria.

Foi da ordem da surpresa o encontro com as novas peças de António Bolota. Não é que pareça que tenham vindo do nada; aquilo que senti, quando as vi no atelier do artista, distribuídas ainda sem o rigor como se encontram aqui expostas em cima de bancadas e mesas, foi como se enterradas, encerradas num qualquer baú, tivessem sido exumadas e naquele momento ali estivessem acessíveis, visíveis, como um tesouro desaparecido.

Não é somente de escala a diferença entre os trabalhos monumentais do artista, que melhor conhecemos, e as pequenas esculturas ou objectos que agora apresenta na Vera Cortês Art Agency. Aqui, a diferença entre o espanto e a surpresa é a passagem, impossível de antecipar antes desta exposição, entre aquilo a que poderíamos chamar “o momento egípcio” e o “momento etrusco” no trabalho de António Bolota.

Sem saber muito bem explicar porquê, quando vi estes objectos pela primeira vez vieram-me ao espírito dois notáveis e humildes conjuntos de trabalhos – remissões oblíquas em tempo de retorno à ordem da espiral: a série “Equilibres”, da dupla Fischli e Weiss, e os “papiers découpés” de Matisse. A máxima de Ortega y Gasset merece ser uma vez mais repetida: “o homem é o homem e as suas circunstâncias”. Isso aplica-se também e sobretudo àqueles que fazem. A pulsão de fazer é como uma respiração – continuar a construir com o fôlego que nos assiste em cada momento da nossa existência. Nem mais nem menos. Paradoxalmente, reunidas, a gravidade e liberdade do corpo.

Liberdade é, de facto, a palavra que ecoa, quando, para lá da visita ao atelier, refaço espiritualmente os gestos, as decisões, o raciocínio que estas experiências, estes objectos articulam ou a que dão forma. Dir-se-ia um pensamento feito corpo.

Não são maquetas, são peças. Existem, são imanentes e, prevendo-a – menos como jogo mental e mais como forma de fazer imergir fisicamente o espectador no espaço de imanência dos materiais – dispensam a ampliação.

Sendo exercícios de projecção propostos ao espectador, a natureza destas peças é antes de mais material. Caracterizam-se, e aqui temos a principal novidade, diria mesmo ruptura com alguns axiomas formais do trabalho que António Bolota anteriormente apresentou, por expandirem ao limite o campo da imaginação e da experimentação material.

Liberdade de juntar (o desenho como campo de consubstanciação da imaginação), de sobrepor, de inverter hierarquias, de propor novas articulações, de abolir as antinomias e as impossibilidades (mesmo físicas). O geométrico e o orgânico, o ar e o sólido, a gravidade e a flutuação, o evanescente e o maciço, o natural e o artificial, o duro e o mole convivem e confundem-se numa celebração da arte enquanto transgressão de todos os limites. Talvez a utopia também passe por aqui.

The difference between bewilderment and surprise is not just one of scale. Bewilderment is, perhaps, the acknowledgement of the incommensurable, of what is and always will be beyond our grasp (physically, because of its scale) — like the pyramids of Ancient Egypt. Surprise has a different nature, it always sneaks up on us, unexpected, and resonates intimately within us — like the tombs of Etruria.

I was surprised when I saw these new pieces by António Bolota. Not that they seem to come from nowhere; when first I saw them in the artist's studio, lying around without the meticulousness of their display — on tables and stands — in this exhibition, I felt as if they had been just exhumed and extracted from some buried chest and made accessible and visible, like some lost treasure.

The difference between the artist's best known monumental pieces and the small sculptures and objects he is now presenting at Vera Cortês Art Agency is not just one of scale. Here, the difference between bewilderment and surprise is the transition — unforeseeable before this exhibition — between what we could call Bolota's "Egyptian" and "Etruscan" phases.

Without exactly knowing why, the first time I saw these objects two notable and humble series of works came to mind — oblique references in a time that revisits the order of the spiral: the series *Equilibres*, by the duo Fischli and Weiss, and Matisse's *papiers découpés*. Ortega y Gasset's maxim deserves to be repeated once again: "I am I plus my circumstances." This also applies — and especially — to those who create. The impulse to create, to make, is just like the act of breathing — to keep on building things with the breath that fills in each moment of our existence. Neither more nor less — paradoxically, we discover here, reunited, both the gravity and the freedom of the body.

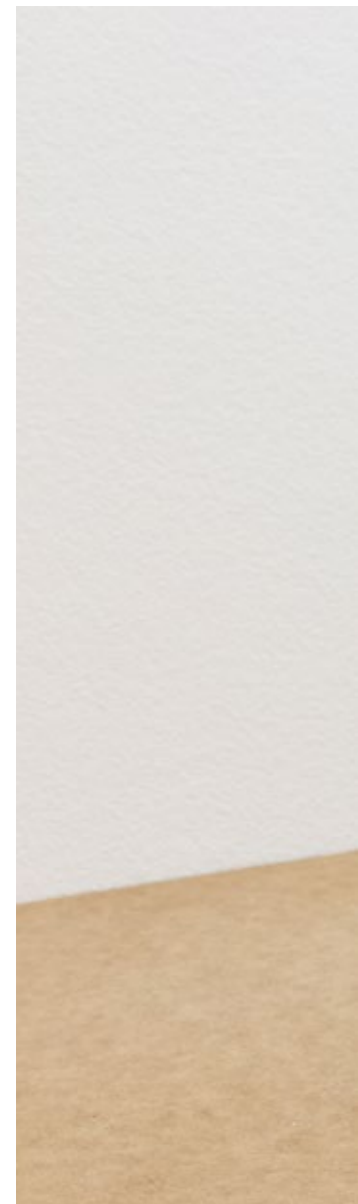
After visiting the studio, freedom was, in fact, the word that kept on echoing as I tried to remember the gestures, the choices, and the reasoning articulated and materialized by these experiences and objects. An embodied though, one could say. These are not models, these are works of art. They exist, they are immanent and, by anticipating it, they obviate the need for their enlargement. This anticipation is produced not by a mental operation, but by physically enveloping the spectator in the space of the materials' immanence.

Being that these pieces are exercises of projection proposed to the spectator, their nature is mostly material. They are characterized by expanding the fields of imagination and of material experimentation to the limit — and this is the main novelty, or even rupture with some of the formal axioms of Bolota's previous works.

The freedom to collate (the drawing as a field where imagination consubstantiates), to juxtapose, to invert hierarchies, to propose new articulations, to abolish antinomies and (even physical) impossibilities. The geometric and the organic, the air and the solid, gravity and fluctuation, the evanescent and the massive, natural and artificial, soft and hard, all these qualities coalesce and mix in a celebration of art as the transgression of all limits. Maybe this is utopia.







Sem escala #1
MDF pintado, betão branco leve
c/ agregados de cortiça
Painted MDF, white light concrete
w/ cork aggregates
53 x 48 x 21 cm



Sem escala #2
Bronze, betão branco c/ pigmento
Bronze, white concrete w/ pigment
26 x 24 x 33 cm



Sem escala #3
Madeira maciça pintada
Painted solid wood
21 × 20 × 42 cm



Sem escala #4
MDF pintado, madeira
Painted MDF, wood
31 × 16 × 23 cm





Sem escala #5
Madeira, barbotina c/ argila, vidro acrílico
Wood, slip w/ clay, acrylic glass
19 x 28 x 28 cm







Sem escala #6
MDF pintado, mármore
Painted MDF, marble
27 × 25 × 30 cm



Sem escala #7
 MDF pintado, vidro maciço polido
 Painted MDF, solid polished glass
 40 × 61.5 × 61.5 cm



Sem escala #8
 Pedra, vidro
 Stone, glass
 24 × 44 × 22 cm



Sem escala #9
Mármore, aço, madeira, esponja natural
Marble, steel, wood, natural sponge
20 x 63 x 15 cm



Sem escala #10,
MDF pintado, madeira, pregos
Painted MDF, wood, nails
78 × 17 × 17 cm



Sem escala #11
Vidro polido, betão branco
Polished glass, white concrete
23 × 14 × 53 cm



Sem escala #12
Ferro pintado, madeira
Painted iron, wood
43 × 40 × 16 cm





Sem escala #13
Vidro ocular
Ocular glass
ø 25 cm





Sem escala #18
Madeira, ferro niquelado
Wood, nickel-iron
13.5 × 17.5 × 26 cm



Sem escala #17
MDF pintado, vidro
Painted MDF, glass
30 × 41.5 × 34 cm





Sem escala #16
Ferro, madeira, pedra
Iron, wood, stone
20 × 76.5 × 50 cm



Sem escala #15
MDF pintado, betão branco
Painted MDF, white concrete
30 × 37.5 × 36 cm



Sem escala #14
Ferro pintado, varão inox, granito
Painted iron, stainless steel rod, granite
31.5 × 30 × 31.5 cm







Sem escala #24
Ferro, esponja
Iron, sponge
55 x 19.5 x 19.5 cm



Sem escala #23
Bronze escovado
Brushed bronze
17.5 x 39 x 39 cm

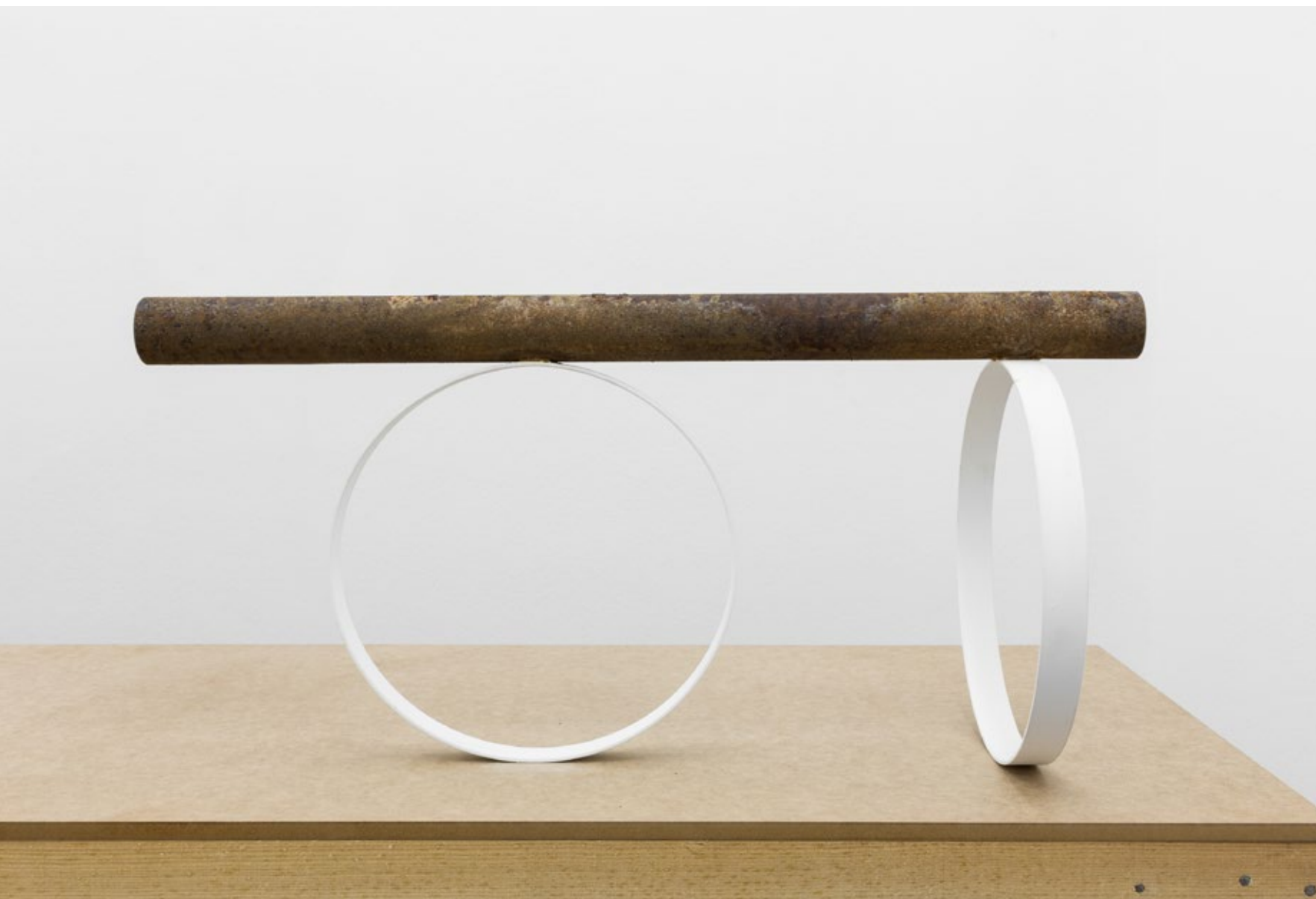


Sem escala #22
Ferro, ferro pintado
Iron, painted iron
90 × 8 × 8 cm



Sem escala #21
Ferro, ferro pintado, vidro maciço polido
Iron, painted iron, solid polished glass
55 × 20 × 20 cm





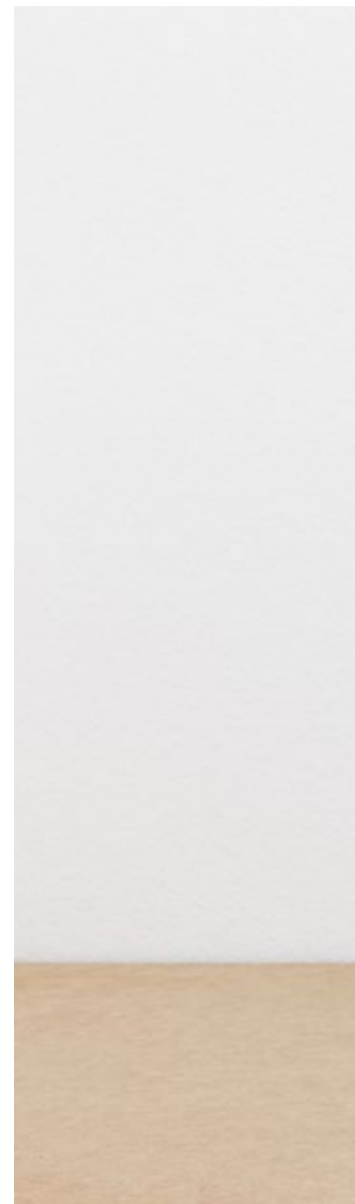
Sem escala #20
Ferro, ferro pintado
Iron, painted iron
35 × 30 × 73.5 cm



Sem escala #19
MDF pintado, pedra
Painted MDF, stone
20 × 24.5 × 42 cm







Sem escala #29
MDF pintado, madeira maciça pintada, aço galvanizado
Painted MDF, solid wood, galvanized steel
31 × 41 × 31.5 cm



Sem escala #28
Bronze, vidro maciço
Bronze, solid glass
35 x 9.5 x 9.5 cm



Sem escala #27
MDF pintado, mármore, esferas de aço
Painted MDF, marble, steel spheres
25 × 49 × 42 cm



Sem escala #26
Madeira, esponja
Wood, sponge
7 × 15 × 45.5 cm





Sem escala #25
Madeira, vidro, água
Wood, glass, water
44 × 18 × 18 cm





Sem escala #30
MDF pintado, pedra, grafite
Painted MDF, stone, graphite
25.5 × 29.5 × 29.5 cm

António Bolota
Benguela, 1962

António Bolota começou a expor em meados dos anos 90, trazendo para o universo artístico saberes oriundos da Engenharia, área onde radica a sua formação. Um conjunto de conhecimentos técnicos são convocados na criação de esculturas que se confrontam com o espaço para onde são construídos ou que se fundem com a própria arquitetura. Em 2008 concluiu o Curso Avançado no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual. Mora e trabalha em Lisboa.

Uma seleção das suas exposições individuais inclui galerias e espaços como: Appleton Square, Lisboa (2016), Galeria Quadrado Azul, Lisboa e Porto (2014/2012/2010) e Pavilhão Branco, Lisboa (2010); Fórum Eugénio de Almeida, Évora (2016) e Ermida de Guadalupe, Vila do Bispo (2010).

Das exposições coletivas em que participou destacam-se: *Sala dos Gessos*, Museu da Electricidade (2016), *Canal Caveira*, Cordoaria Nacional (2015), *Ar Sólido* (2015) e *António Filipe*, Parkour (2013), Lisboa; *LandArt*, Cascais (2014), *Como Proteger-se do Tigre*, 16ª Bienal de Cerveira, Vila Nova de Cerveira (2011), *Estados Gerais*, Artecontempo (2009) e *Telhado*, Interpress (2006), Lisboa. Em 2009 foi nomeado para o Prémio edp Novos Artistas.

António Bolota started his artistic career in the mid-90s, carrying his know-how in the field of Engineering into the artistic universe. The artist convokes this particular set of theoretical knowledge as he creates sculptures that challenge the spaces where they are built or fuse with their architecture. He completed the Advanced Course in Ar.Co – Center for Art and Visual Communication in 2008. Lives and works in Lisbon.

A selection of his individual exhibitions includes the following galleries and spaces: Appleton Square, Lisbon (2016), Galeria Quadrado Azul, Lisbon and Porto (2014/2012/2010) and Pavilhão Branco, Lisbon (2010); Fórum Eugénio de Almeida, Évora (2016) and Ermida de Guadalupe, Vila do Bispo (2010).

Group shows in which he participated include: *Sala dos Gessos*, Electricity Museum (2016), *Canal Caveira*, Cordoaria Nacional (2015), *Ar Sólido* (2015) and *António Filipe*, Parkour (2013), Lisbon; *LandArt*, Cascais, (2014), *How to Protect Oneself From the Tiger*, 16th Cerveira Biennial, Vila Nova de Cerveira (2011), *Estados Gerais*, Artecontempo (2009) and *Telhado*, Interpress (2006), Lisbon. In 2009 was nominated for the edp New Artists Award.